

**“É TEMPO DE HOMEM PARTIDO”: O HOMEM DE 1940 NO POEMA
“NOSSE TEMPO” DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.**

Aurélio Miguel da Rocha Vieira

RESUMO: *Este trabalho tem como objetivo analisar, a partir da leitura do poema "Nosso Tempo", a maneira como a poesia de Carlos Drummond de Andrade retratou o "homem partido" da década de 40. Através de uma leitura minuciosa dos elementos constituintes do poema, é possível perceber que o momento histórico que o poeta reproduz representa, de maneira clara, a fragmentação e a alienação do homem pelo mundo capitalista que cada vez mais se firmava historicamente e socialmente. Dentre todos os poemas do livro A Rosa do Povo, de Carlos Drummond de Andrade, "Nosso Tempo" é o mais enfático na análise crítico-social da coisificação da vida cotidiana da sociedade da época. Uma sociedade fragmentada, mutilada, torturada, insensível e alienada que está presente em quase todos os poemas do livro. Nota-se isso a partir do título e de seu texto carregado não só de crítica social, mas também do sentimento de revolta frente aos conflitos que assolavam a época. Diante disso, o presente trabalho busca perceber como Drummond não só retrata a sociedade, mas também o homem do mundo capitalista fragmentado e pulverizado. O trabalho se fundamenta nos seguintes teóricos: Candido (2004), Achcar (1993, 2000) e Correia (2009).*

PALAVRAS-CHAVE: *Drummond. Nosso Tempo. Reificação.*

ABSTRACT: *This work aims to analyze, from the reading of the poem "Our Time", the way in which the poetry of Carlos Drummond de Andrade portrayed the "party man" of the 40s. Through a detailed reading of the constituent elements of the poem it is possible to perceive that the historical moment that the poet reproduces represents, in a clear way, the fragmentation and the alienation of the man by the capitalist world that increasingly was established historically and socially. Among all the poems in the book The Rose of the People by Carlos Drummond de Andrade "Our Time" is the most emphatic in the social critical analysis of the quotidian life of society at the time. A fragmented, mutilated, tortured, insensitive and alienated society that is present in almost every poem in the book. One can note this from the title and its text, which is not only a social criticism, but also from the feeling of revolt at the conflicts that raged at the time. The present work seeks to understand how Drummond not only portrays society but also the man of the fragmented and pulverized capitalist world. The work is based on the following theorists: Candido (2004), Achcar (1993), Achcar (2000) and Sant'Anna (1980).*

KEYWORDS: *Poetic Reading. Drummond. Our Time.*

1 INTRODUÇÃO

Entre todos os poemas de *A Rosa do Povo* (1945), “Nosso Tempo” é considerado o mais enfático na análise crítica da sociedade da década de 40, uma vez

que retrata a visão social do eu lírico sobre o “tempo do homem partido”, que, ao longo dos versos do poema, é caracterizado pela descrição da massacrante rotina capitalista.

Dividido em oito partes, que formam uma espécie de corrente, o poema é um grande mosaico da vida cotidiana da época em que foi composto. Ele retrata a dilaceração dos “homens partidos” por conflitos no Brasil e no mundo, uma vez que foi escrito entre os anos do Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial.

Nessa perspectiva, a partir de uma leitura minuciosa dos elementos constituintes do poema, é possível perceber que o momento histórico que o poeta reproduz representa a fragmentação e a alienação do homem pelo mundo capitalista que cada vez mais se firmava historicamente e socialmente, visto que era tempo de fome, de dor, de destruição, de multidões.

Nessa sequência, o poema também retrata o tempo de homens fragmentados, massacrados e maquinizados que vão e vêm pelas ruas asfaltadas, mas não se cruzam, não se veem e não se enxergam, porque estavam completamente mergulhados em suas vidas solitárias, rotineiras, “modernas”, escravizados por seus empregos “progressistas”.

Nesse sentido, em decorrência desse quadro caótico da sociedade dos anos de 1940, na qual os homens eram vítimas dos horrores da guerra, explorados por um modelo econômico cruel e oprimidos por uma política ditatorial, o poeta vale-se da poesia para denunciar todos esses fatores que destruíram a consciência humana e transformaram os homens em almas penadas que vagam, pelo mundo, cansadas, exaustas e destruídas.

Diante disso, através da análise do poema e baseando-se na fundamentação teórica existente, o artigo tem como objetivo principal analisar a maneira como o poema de Carlos Drummond de Andrade retratou o “homem partido” de seu tempo, denunciando através de seus versos como os conflitos e as ideologias de sua época influenciavam diretamente o comportamento da sociedade, transformando-a e modificando-a ao longo dos anos.

2 O HOMEM DA DÉCADA DE 1940 NO POEMA “NOSSO TEMPO”

“*Nosso Tempo*” é composto por oito partes que unidas formam uma espécie de corrente, na qual o fluxo dos sentimentos do eu lírico fluem de uma forma gradativa, além de oscilar entre o individual e o coletivo. Segundo Francisco Achcar (1993, p. 27),

“Nosso tempo, é um poema longo, um grande painel em oito partes, da vida contemporânea, de sua agitação desolada e dilacerante.”

Nesse sentido, é possível perceber ao longo da leitura do poema que Drummond se valeu dessas oito partes para tentar reconstituir o mundo fragmentado que o cercava. Mundo que estava dividido por conflitos como a Segunda Guerra Mundial e o Estado Novo no Brasil, que, por consequência, desenvolveram uma sociedade fragmentada, mutilada, torturada, insensível e alienada. Além disso, a divisão do poema nas oito partes também possibilita a leitura de que Drummond queria representar a sociedade partida na própria estrutura do poema, uma vez que as estrofes não possuem uma métrica regular e nem versos regulares, portanto, essa oscilação pode significar uma perplexidade crescente diante dos acontecimentos de seu tempo.

Conforme Marlene de Castro Correia (2009, p. 1)

‘Nosso Tempo’, de *A rosa do povo* (1945), inicia-se com o dístico ‘Este é tempo de partido / tempo de homens partidos’, que lança o *leitmotiv* do poema, expresso em discurso de extrema economia e densa significação, ressaltada pelo jogo entre os termos ‘partido’ e ‘partidos’, que sintetizam a apreensão drummondiana do seu tempo histórico-cultural: ele acarreta a fragmentação e alienação do homem; ele não admite atitude de abstenção; exige, ao contrário, que se faça uma opção ideológica, que se assuma uma posição política, que se tome partido, enfim.

Nessa perspectiva, na abertura do poema, os dois versos iniciais trazem consigo as temáticas que vão atravessá-lo ao longo do texto: a desunião humana e a necessidade de se tomar um partido. Logo, infere-se que, ao iniciar o poema com o verso “Este é tempo de partido”, o eu lírico se refere ao tempo de governo de Getúlio Vargas, visto que é nessa época que se inicia a criação de partidos políticos no Brasil, como, por exemplo, a criação do Partido Trabalhista Brasileiro em 15 de maio de 1945, além de que a estrutura política do Estado Novo era totalitarista, o que consequentemente causou divisão no Brasil e a necessidade de posicionamentos políticos. Além disso, o mundo estava dividido nesse período, pois além do território nacional, o “tempo de partido” também faz referência ao mundo dividido pela Segunda Guerra Mundial.

No entanto, o termo “partido” não faz apenas referência à estrutura social e política presentes no Brasil e no mundo, mas também se refere aos “homens partidos”. Em outras palavras, o ser humano também estava dividido e mutilado no seu ser. Essa divisão era reflexo de todos os conflitos da época, que influenciavam o comportamento

do homem, enquanto ser social, fazendo com que, para o eu lírico, “as relações humanas lhe pareçam dispor-se num mundo igualmente torto” (CANDIDO, 2004, p. 75.).

Ao longo dos versos da primeira parte do poema, é possível identificar a angústia do eu lírico ao descrever o seu tempo e a sua sociedade, um tempo que se caracterizava pela desestruturação do ser social, desumanizando a sociedade por conflitos.

Em vão percorremos volumes,
viajamos e nos colorimos.
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
na pedra. (DRUMMOND, 2012, p. 23.)

Através da leitura desse fragmento, é possível inferir que a sociedade vivia em “vão” e sem nenhum sentido. Em outras palavras, ela estava alienada, uma vez que buscava apenas o necessário para viver e não se engajava em nada. Ao se referir “As leis”, acredita-se que o eu lírico esteja se referindo às leis repressoras instauradas pelo Governo Vargas, mas elas não bastavam, pois não faziam brotar “os lírios” no coração dos homens. Logo, “os lírios”, posto no poema, seriam uma metáfora da esperança, uma vez que todas as flores espalhadas pelos poemas do livro relacionam-se com a palavra “rosa” que dá título ao livro, que, por sua vez, seria uma metáfora da esperança.

Outro termo que também se destaca é “tumulto”, pois ao utilizá-lo o eu lírico dá voz às revoltas ocorridas na época em todo o Brasil por causa da Ditadura Vargas, porém, no mesmo verso que o eu lírico aborda as revoltas, ele também relata o “fim” dos revoltosos causadores de tumultos, que seria escrever-se o nome “na pedra”, que no poema significaria lápide de cemitério.

Nos versos iniciais da terceira estrofe, observa-se a busca incansável do eu lírico por algo ou alguma coisa que justificasse os fatos terríveis daquele tempo, e por mais que ele procurasse e questionasse a resposta nunca era encontrada.

Visito os fatos, não te encontro.
Onde te ocultas, precária síntese,
penhor de meu sono, luz
dormindo acesa na varanda?
Miúdas certezas de empréstimos, nenhum beijo
sobe ao ombro para contar-me

a cidade dos homens completos.
(DRUMMOND, 2012, p. 23)

Logo, os versos demonstram a frustração concentrada no eu lírico, pois sua desesperança era tão grande que até suas “certezas” são emprestadas, pois o tempo não é tempo de “beijos”, de carícias, afeto, mas tempo de dor, perda, solidão, destruição e angústia. Embora fale de “homens partidos”, no sentido de se referir à desunião humana, o poeta também utiliza a expressão “cidades dos homens completos”, a qual pode se referir ao Rio de Janeiro e aos seus homens engravatados, já que na época da composição do poema o Rio de Janeiro era a capital do Brasil, morada do presidente e de seus “homens completos”, criadores das leis que regiam o país.

Nas duas últimas estrofes da primeira parte, percebe-se uma contradição, já que em uma das estrofes o eu lírico parece parar para refletir sobre os fatos ocorridos, uma vez que na outra há uma revolta crescente no seu interior, que busca um canal pelo qual possa expressar suas palavras que foram sufocadas e que agora querem soltar seu grito de raiva, de revolta e de esperança.

Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!
Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal [...]
(DRUMMOND, 2012, p.23)

Esse grito estaria carregado de reflexões e questionamentos sobre a coisificação a qual o homem estava sendo submetido, já que o eu lírico não era as “coisas”, pois só as coisas é que se calavam diante da situação. Nesse sentido, Drummond utiliza “a consciência social”, fazendo dela uma espécie de militância através da poesia, para resgatar o grito de consciência da sociedade, partindo da reflexão do individual para o coletivo. Logo, o eu lírico vai demonstrando que “o sacrifício do eu culposo condiciona o acesso à solidariedade, que é a humanidade verdadeira” (CANDIDO, 2004, p. 79)

A segunda parte, na sua primeira estrofe, apresenta mais uma vez a ideia de separação, divisão e afastamento do homem, além de escancarar a sua falta de sensibilidade e solidariedade. Na segunda estrofe, identifica-se novamente a frustração do eu lírico ao falar de sentimento. No poema, ele utiliza o “amor”, o maior dos sentimentos, para demonstrar que ele não estava mais presente nos corações humanos de seu tempo, porque estava esquecido e abandonado ao “relento”. A terceira estrofe

traz a metáfora “símbolos escuros”, a qual pode ser uma alusão aos símbolos criados pelos ditadores para representarem seus movimentos, como a suástica nazista.

Ao iniciar a terceira parte com a metáfora “tempo de muletas”, o eu lírico afirma mais uma vez seu pensamento sobre o tempo de mutilação do homem moderno que a sociedade enfrentava àquela época.

E continuamos. É tempo de muletas.
Tempo de mortos faladores
e velhas paráliticas, nostálgicas de bailado,
mas ainda é tempo de viver e contar. {...}
(DRUMMOND, 2012, p. 24)

Nessa sequência, é possível perceber o fluxo de sua revolta contra o tempo dos aleijões morais da sociedade. O eu lírico utiliza em seus versos palavras e expressões carregadas de uma carga semântica negativa para retratar o caos, a destruição e a mutilação humana decorridas da guerra e da opressão política vivida. As próprias vítimas de toda essa modernidade massacrante guardam preciosos segredos em suas almas que seriam as “casas” desses segredos. Casas que o poeta conhece bem, pois a sua alma também segreda.

Entretanto, o próprio eu lírico apela para que tais segredos venham a público, pois é “tempo de viver e contar”. Ainda é tempo de vida, de resgate, de esperança. Assim, é possível notar que existe uma esperança no eu lírico de que, se revelados esses segredos, a separação, a alienação e a falta de sensibilidade da sociedade desapareceriam e a união voltaria. Portanto, observa-se que o poeta inicia uma espécie de mantra pedindo a todas as coisas vivas e não vivas que abram suas gargantas e revelem o grito da revolta.

Todavia, na quarta parte, o poeta reconhece que o silêncio é necessário no contexto político da época, pois o tempo não é propício para revoltas, uma vez que mesmo com toda euforia do grito da revolta, os indivíduos não deviam se revoltar ou deveriam ser bastante cautelosos em suas manifestações, pois a expressão “meio silêncio” é posta no poema como imperativo de sobrevivência, já que o tempo era de medo, de guerra, de desconfiança, no qual o inimigo (espião) janta conosco. Portanto, é tempo de sobrevivência, traição, opressão e de rotina.

Nessa perspectiva, a rotina é percebida como um tema recorrente nas outras partes do poema, já que ela é uma consequência da coisificação da massa urbana, que

por sua vez seria consequência da tentativa de sobrevivência à avalanche de mudanças ocorridas nos parâmetros sociais, políticos e econômicos da época.

Conforme Achacar (1993, p. 29),

Na quinta parte do poema desenha-se um quadro terrível da vida cotidiana na grande cidade, caracterizada por automatismo, alienação, reificação (ou ‘coisificação’; em latim, res, rei= ‘coisa’), rebaixamento dos instintos, tristeza entorpecida, falsificação, degradação.

Esse processo de coisificação gera no eu lírico uma angústia descontrolada, uma náusea crescente, um aperto na sua consciência social que é percebido nos versos que se seguem. Versos impregnados de uma descrição angustiada da rotina desgastante e decadente vivida pelo homem capitalista, o qual preso aos seus trabalhos burocráticos se torna cada vez mais alienado e maquinizado.

Escuta a hora formidável do almoço
na cidade. Os escritórios, num passe, esvaziam-se.
As bocas sugam um rio de carne, legumes e tortas vitaminosas.
Salta depressa do mar a bandeja de peixes argênteos!
Os subterrâneos da fome choram caldo de sopa,
olhos líquidos de cão através do vidro devoram teu osso.
Come, braço mecânico, alimenta-te, mão de papel,
é tempo de comida,
mais tarde será o de amor. (DRUMMOND, 2012, p. 26)

Segundo os versos de Drummond, é possível perceber que a diferença entre classes sociais imposta pelo capitalismo já causava uma degradação da imagem humana. Em outras palavras, enquanto uns se fartavam nos restaurantes, havia aqueles que viviam nos subterrâneos das grandes cidades e que tinham “olhos líquidos de cão através do vidro devorando seu osso”. Assim, a partir desses versos, percebe-se a frustração do eu lírico ao falar da sua sociedade insensível e alheia a dor do outro.

De acordo com Antonio Candido (2004, p. 79),

Era tempo de luta contra o fascismo, da guerra da Espanha e, a seguir, da Guerra Mundial – conjunto de circunstâncias que favoreceram em todo mundo o incremento da literatura participante. As convicções de Drummond se exprimem com nitidez suscitando poemas admiráveis, alusivos tanto aos princípios, simbolicamente tratados, quanto aos acontecimentos, que ele consegue integrar em estruturas poéticas de maneira eficaz, quase única no meio da aluvião de versos perecíveis que então se fizeram.

Diante disso, a poesia drummondiana não era apenas composta de suas convicções, mas também das inquietudes que o assaltavam, uma vez que a época em que escreveu “*Nosso Tempo*” era tempo de fome, de dor, de destruição, de multidões, de homens fragmentados, massacrados e maquinizados que vão e vêm pelas ruas asfaltadas, mas não se cruzam não se veem e não se enxergam. Em outras palavras, estavam completamente mergulhados em suas vidas solitárias, rotineiras, “modernas”. Era tempo de homens escravizados por seus empregos “progressistas”, de homens programados como máquinas que fazem tudo igual todos os dias.

Por isso, o eu lírico, nas últimas partes do poema, demonstra uma preocupação com os meios de comunicação, os quais são os únicos que podem trazer à tona a verdade da coisificação humana e da repressão política vivida em sua época, uma vez que, “a falsificação das palavras pingadas nos jornais” (DRUMMOND, 2012, p. 27) faziam com que a massa urbana se tornasse cada vez mais alienada dos fatos reais. Logo, “*Nosso Tempo*” demonstra que a poesia social drummondiana vai além do sentido político, pois age como veículo de “discernimento da condição humana em certos dramas corriqueiros da sociedade moderna” (CANDIDO, 2004, p. 82).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como não perceber nos versos de “*Nosso Tempo*” o vazio da vida cotidiana e rotineira imposta pela política ditatorial e a estrutura social da década de 40 advinda do capitalismo e dos conflitos que ocorriam naquela época. Essa cultura desumanizante enraizou-se de uma forma tão profunda nos homens que os transformou em escravos desse sistema, os quais massacrados por seus empregos desgastantes tornaram-se seres insensíveis aos acontecimentos, transformando-os em zumbis e máquinas reprodutoras de gestos exaustivos, que viraram rotina de uma vida alienada e consumida por uma sociedade capitalista e egoísta.

Logo, Drummond consegue captar todos esses aspectos e os transformar em poesia, demonstrando, através de “*Nosso Tempo*”, como a modernização do modo de viver da sociedade transformou os homens em seres solitários, fragmentados e massacrados. Vítimas dos horrores da guerra, explorados por um modelo econômico cruel e oprimidos por uma política ditatorial. Em decorrência disso, o eu lírico vale-se da poesia para denunciar todos esses fatores que destruíram a consciência humana da

época e transformou os homens em almas penadas que vagam pelo mundo cansadas, exaustas e destruídas.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. **A Rosa do Povo e Claro Enigma**. São Paulo, Ática, 1993.

ACHCAR, Francisco. **Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo, Publifolha, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. Companhia das Letras, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Ouro Sobre Azul, Rio de Janeiro, 2004.

CORREIA, Marlene de Castro. Como Drummond Constrói “Nosso Tempo”. **Alea**, Rio de Janeiro, vol.11, n.1, Jan./Jun., 2009.